

Texto extraído do Livro “O Que Podemos Vir a Ser”, capítulo 16, pp. 208-223.
FERRUCCI, Piero. *O que podemos vir a ser*. São Paulo: Totalidade Editora, 2007.

De que vivemos

O extraordinário potencial do amor e sua vocação

Um anjo desobedece a Deus – assim conta uma história de Tolstoy – e sua punição é ser precipitado, sem asas e nu, no jardim de uma igreja de uma pequena vila russa. Um pobre sapateiro que passa, ignorando a origem divina do anjo, salva-o de morrer congelado; dá-lhe roupas, alimento e abrigo; e o mantém como aprendiz.

Muitos anos se passam. Então, um dia, o anjo caído sorri de tal maneira que sua face irradia uma luz fulgurante. O sapateiro começa a pensar sobre a origem de seu hóspede e pergunta-lhe por que um luz tão brilhante irradia à sua volta. O anjo então revela-se, explicando que a única maneira que tem para voltar ao Céu é aprender de que vivem as pessoas. Sua compreensão começou quando – tendo se tornado um homem – foi salvo de morrer congelado no jardim da igreja. Agora, continua o anjo, ele compreende completamente que os seres humanos não podem viver cada um para si, que eles são necessários uns aos outros e que eles vivem de *amor*.

Este mesmo fato fundamental, que inúmeros escritores e poetas (e, surpreendentemente, poucos psicólogos) têm enfatizado de tantas maneiras, pode ser visto funcionando nos mais diferentes e remotos níveis. Um organismo unicelular que vive na água e recebe o nome de paramécio reproduz-se por divisão: uma célula se divide em duas, estas duas dividem-se mais tarde e assim por diante. E deste simples modo, diversos organismos são gerados. Em algum ponto, contudo, este processo chega a termo, e alguns paramécios, como se tivessem mudado de ideia, fundem-se novamente entre si. Esta ocorrência não é parte do processo reprodutivo. Ao contrário, ela reduz consideravelmente o processo. Em vez de continuar a se reproduzir, estes minúsculos organismos regeneram-se, unindo seus recursos e curando seus tecidos. Talvez a descrição mais apropriada para esta atividade seja “fazer amor”.

Especulando sobre essa questão podemos dizer que a busca pela unidade parece estar presente até mesmo nas mais elementares formas de vida. Deve ser algo análogo àquela necessidade profundamente enraizada, àquela obscura nostalgia pela unicidade indiferenciada, àquele sentimento de pertencer e de inclusão, que aparece em inúmeras formas e ao qual às vezes damos o nome de “amor”. Angyal chamou-o “a senda em direção à homonímia” e descreve-a como a tendência pela qual “*uma pessoa busca união através de unidades maiores e quer compartilhar e participar de algo que ela considera como sendo maior do que seu self individual.*”¹

Talvez devido ao fato de ser um princípio tão intrínseco à vida orgânica e tão embebido em nossas raízes primevas, o desabrochar harmonioso desta tendência parece gerar imensos benefícios para a saúde mental e bem-estar de uma pessoa. Por outro lado, um distúrbio nesta área – quando esta necessidade de união é pervertida, reprimida, ou frustrada – causa o surgimento de dificuldades enormes na vida psicológica de um indivíduo. De fato, vivemos de amor. E, no entanto, é por amor que nos tornamos cegos, por ele sofremos e nos torturamos mutuamente. Provavelmente Dante estava certo quando disse que o amor – sua presença, sua falta, suas distorções – é a única causa que explica todas as alegrias e sofrimentos da humanidade.

¹ Andreas Angyal, *Foundations for a Science of Personality*. Nova York, Viking Compass, 1969, p. 172.

Qual conclusão podemos tirar a partir desta estranha situação? Uma coisa necessária, com certeza, é reconhecer o imenso mistério do amor. Precisamos reconhecer que o amor é tão complexo quanto, talvez, a própria vida e nenhuma simples explicação será capaz de esgotá-la. Ao mesmo tempo, podemos confiar que penetraremos o mistério, em certa medida. Sem reduzir a majestade do amor, creio que podemos conseguir meios de examinar atentamente alguns de seus traços básicos em nós mesmos.

Aqui, novamente, começaremos, como frequentemente fazemos em psicossíntese, com um exercício que irá oferecer uma oportunidade para olhar as coisas como estão e investigar suas conexões e significados implícitos:

As Dimensões do Amor

1. Imagine uma porta fechada. Nesta porta está escrita a palavra Amor. Ela se abre para o universo do amor, onde você pode encontrar todo tipo de pessoas, seres objetos, lembranças, situações e estados de consciência. Fique algum tempo visualizando a porta nitidamente, sua maçaneta e a inscrição.
2. Agora abra a porta e deixe que a primeira impressão espontânea surja sem decidir antecipadamente o que ela deveria ser. Poderá vir em qualquer forma – uma imagem, uma sensação física, um sentimento, um som, um perfume, e assim por diante.
3. Gradualmente acostume-se ao universo além da porta. Explore-o. Seja lá o que for que você encontre, agradável ou desagradável, sua dupla tarefa é a seguinte:
 - a) olhe claramente e sem julgamento ou interpretação para o que está vendo; não tenha pressa, fique algum tempo com esta imagem;
 - b) perceba que esta imagem é apenas uma dentre as inúmeras manifestações que podem ser associadas ao amor. Diga para si mesmo: “Isto também existe no universo do amor”. Depois prossiga.
4. Volte e feche a porta. Ao terminar o exercício, reflita sobre as imagens que descobriu. Você pode querer compreender seu significado e ligação com o amor e sua vida. Para favorecer sua compreensão interior, escreva sobre suas experiências ou desenhe o que visualizou.

Um exercício como este, especialmente se repetido, pode ser muito útil para se começar a compreender a imensidão do fenômeno de amor, as presunções subjacentes que temos a respeito dele, de qual maneira nossa história passada pode condicionar a maneira como o vivenciamos, bem como o potencial futuro que ele reserva para nós.

Sugiro também uma variação para esse exercício, substituindo, na porta, a inscrição *Amor por Sexualidade*. A sexualidade, mesmo em suas manifestações mais cruas e primitivas, pode ser corretamente vista como uma forma de amor – a tendência para fundir-se com uma unidade maior.

Frequentemente, ao explorar-se o sentido íntimo da sexualidade para uma pessoa, descobre-se as mais diversas implicações, os mais profundos condicionamentos em atuação. São raras as pessoas que vivem a sexualidade de um modo simples, direto. Para a maior parte de nós, ela se mistura com funções suplementares: a função, por exemplo, de acabar com a tensão ou com a solidão; a função de escapar de sua própria realidade ou atrair amor ou exercer controle; e assim por diante. Frequentemente, a sexualidade serve a necessidades mais ou menos neuróticas. Além disto, explorando conscientemente o amor sexual, uma pessoa pode tornar-se mais claramente ciente de sua própria autoimagem e do sentido de autoestima. Descobrimos também que as atitudes das pessoas quanto ao sexo, na verdade, refletem suas atitudes quanto à vida em sua totalidade.

Uma outra maneira de explorarmos a dimensão do amor consiste em observar de que modo entramos nos relacionamentos com outras pessoas? Quais são nossos pontos fortes e nossas limitações a este respeito? Quais são nossos sentimentos? Qualquer trabalho que queiramos fazer sobre nós mesmos quanto ao amor não pode ignorar estes aspectos. Precisamos descobrir de que forma estão nossos canais de comunicação se quisermos ver quão facilmente o amor pode fluir através deles.

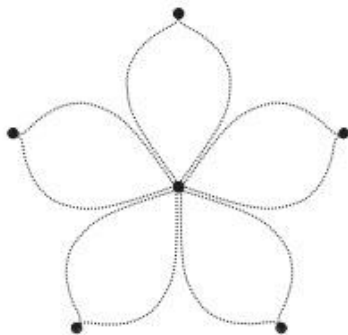
Acontece tanta coisa neste nível que, se fôssemos visualmente sensíveis aos padrões de relacionamento como somos para as ondas de luz, poderíamos perceber as pessoas de um modo surpreendentemente diferente do que o fazemos agora. Talvez alguns parecessem ouriços-do-mar, cobertos de espinhos; alguns exibiriam faixas mornas de radiação e outros exibiriam faixas frias; alguns pareceriam estreitos compartimentos metálicos, enquanto outros disparariam projéteis à aproximação de qualquer coisa. Outros ainda poderiam estender antenas cuidadosas e sensíveis, facilmente retráteis, enquanto alguns poderiam exhibir continuamente sinais multicoloridos, com aparência plástica, artificial; alguns estariam envoltos por uma atmosfera de luz morna e radiante, enquanto outros pareceriam polvos, tentando agarrar qualquer coisa que passe; e assim por diante.

E todas estas formas de ficção científica poderiam *nos* representar: de diferentes modos e proporções, podemos manifestar aspectos de diversos estilos de relacionamento. Mesmo que nosso estilo de relacionamento pessoal não seja representável por figuras, ele certamente nos faz tão individualmente diferentes quanto nossas impressões digitais.

O exercício que se segue pode propiciar novas perspectivas quanto aos seus mais importantes relacionamentos.

Relacionamentos

1. Escreva uma lista de seus mais importantes relacionamentos. Depois, selecione cinco deles.
2. Pegue uma folha de papel grande e desenhe nela a figura abaixo:



O ponto no centro representa você. Os pontos à volta representam as cinco pessoas com quem você tem os mais importantes relacionamentos.

3. No espaço entre o ponto central e cada um dos pontos exteriores, faça um desenho livre representando a qualidade de seu relacionamento com aquela pessoa. Você pode expressar isto da maneira que quiser, sem preocupar-se com técnica. Faça isto para cada um dos cinco relacionamentos. Quando terminar de desenhar, escreva as considerações que vieram à sua mente quanto às maneiras com que você se relaciona com os outros, de modo a ter um quadro visual e textual a respeito de como você está de fato se relacionando. De tal percepção consciente pode vir a solução e, eventualmente, planos concretos para mudanças positivas.

Agora estamos prontos para considerar o amor a partir do ponto de nossa essência humana – o que em Psicossíntese chamamos *Self*. Já vimos em capítulo anterior como é possível estar situado em seu próprio self ou centro. Lá, a existência é caracterizada pela lucidez, comando e responsabilidade. Vimos também como podemos estar situados na periferia de nosso ser. Esta postura psicológica é caracterizada por desatenção e falta de perspectiva. Nela, estamos sujeitos à ilusão e somos escravos de nossas próprias ideias, emoções e estados corporais.

Podemos olhar para qualquer dimensão da vida humana à luz de uma destas duas posturas extremas: há, por exemplo, o relacionamento a partir do centro e o relacionamento a partir da periferia e, cada qual, tem suas próprias características. O mesmo pode ser dito a respeito da ação, aprendizado, escolha, e qualquer outra coisa.

O amor que vem do centro é objetivo, no sentido de não ser distorcido por preferências pessoais. Assim sendo, ele permite que nos identifiquemos com uma outra pessoa sem que sejamos subjugados ou manipulados. Por não depender de respostas do ambiente nem apoiar-se no reconhecimento ou gratidão de outras pessoas, ele é autogerador e sem medo. É impregnado de compreensão inteligente, levando à ação adequada. Liberta as pessoas que toca ao invés de atá-las com culpa e expectativa. Este tipo de amor é generoso, em vez de exaurir-se numa só pessoa, ou animal, ou objeto. Estende-se corajosamente para o desconhecido em lugar de restringir-se ao conhecido.

O amor que jorra do silêncio do self penetra a concha exterior, revelando a essência do objeto amado. Assim sendo, não é refreado pela possível feiura da superfície ou pelo desgaste do corpo, nem é limitado pelo tédio, pela rotina, pela fricção, ou por qualquer outro evento que possa surgir para tornar o objeto de amor não atraente ou menos interessante.

Em suas manifestações superiores, supraconscientes, o amor centrado olha para a integralidade bem como para o fragmento. Isto significa que leva em conta a existência, as necessidades, os pontos de vista, e a evolução criativa de todos os seres numa dada situação, em vez de cegamente procurar satisfazer impulsos que vêm de qualquer perspectiva pessoal limitada. Também significa que é capaz de olhar para o passado e muito além no futuro, vendo qualquer processo como uma totalidade e, os problemas do presente, à luz da futura compreensão e realização.

Neste ponto, o amor se torna uma síntese de sentimento, conhecimento e vontade. Algumas vezes atinge imensas alturas, vendo todos os seres como originários de uma fonte universal e, deste modo, tem um sentido de profunda unidade e afinidade com eles. Aqui, o amor é intuitivamente percebido como um princípio cósmico – nas palavras de Dante, “*o amor que move o sol e as estrelas*”.²

No outro extremo, está *o amor que vem da periferia*: basicamente, a necessidade de ser amado. O amor originário da periferia não é necessariamente vivenciado como negativo. Ao contrário, é frequentemente prazeroso, e este fato dificulta algumas vezes a discriminação deste em relação ao amor mais centrado. Mas as diferenças são agudas, se quisermos notá-las. O amor periférico espera reconhecimento e apoio e, portanto, vive com medo de não recebê-los. Necessitando gratificação imediata, pode ser caprichoso, ditatorial e impermanente. Leva em consideração somente a superfície dos seres e não a sua essência. Pode aprisionar a pessoa que é seu objeto numa jaula de culpa, de expectativa, de imposição. Fixa-se numa área restrita, excluindo todos os demais.

Devido ao fato de a percepção do amor periférico basear-se em necessidades, ele produz idealizações e sonhos fantasiosos a fim de satisfazê-las. Este é o fenômeno que Stendhal chamou “*cristalização*” em seu livro *De l’Amour*. Nele, o autor apresenta o seguinte exemplo:

² Dante Alighieri, *Divina Commedia*, “Paradiso” 33, 145.

Se você jogar um galho seco nas profundezas abandonadas das minas de Salzburgo e voltar a recolhê-lo dois ou três meses depois, irá encontrá-lo completamente coberto por uma infinidade de cristais semelhantes a diamantes – a ponto de se tornar impossível reconhecer o ramo original. A mente humana, diz Stendhal, opera de modo similar. Estimulada por um desejo material de desfrute, atribui ficticiamente todos os tipos de brilhantes qualidades ao ser amado: imagina o capaz de dar todas as alegrias que ninguém mais poderia oferecer, em tempo algum, e veste esta imagem fabricada com todos os tipos de perfeições inexistentes. Logo, porém, a ilusão é despedaçada pelos eventos da vida e a admiração sem fundamento abre caminho à frustração e ao ressentimento.

Seria um erro enorme, entretanto, criar uma dualidade muito aguda entre uma forma de amor e outra. Primeiro, como dissemos, não há apenas duas, mas infinitas formas de amor, ao longo de um *continuum* de evolução. E segundo, mesmo o amor periférico não é necessariamente oposto ao amor centrado, mas pode ser considerado – a partir de um ponto de vista mais profundo – como sua forma incipiente.

Como vimos no capítulo das subpersonalidades, todos os aspectos psicológicos de nós mesmos têm a possibilidade de evoluir. Assim sendo, qualquer estado interior pode ser visto não só estaticamente pelo que é no momento congelado do presente, mas também dinamicamente como um estágio temporário de um desenvolvimento potencial. Uma vez que adotamos este ponto de vista, logo percebemos que todas as manifestações iniciais de qualquer coisa tendem a ser relativamente primitivas. No mundo dos objetos, por exemplo, podemos facilmente ver as diferenças entre os aviões ou aparelhos de som do começo do século e os contemporâneos. O mesmo é verdadeiro no nível psicológico. Deste modo, é mais realístico olhar para o amor periférico como o amor no processo de expansão e refinamento de si mesmo e, também, perceber como ele pode ser, algumas vezes, extraordinariamente belo. Cheio de paixão e ternura, ele pode temporariamente recompensar uma pessoa com a bênção do completo preenchimento, pode vitalizar o universo interior de alguém, pode evocar deslumbrantes fogos de artifício de emoção.

É valioso reconhecer também que o amor vindo da periferia pode coexistir, em muitos indivíduos, com o amor mais centrado, de modo que, em certos momentos, uma forma é predominante face à outra, alternadamente, ou ambas podem estar presentes em diferentes proporções. Além disso, para muitas pessoas o simples fato de aprender a amar a partir da periferia pode ser uma preciosa conquista. O engano reside em, então, assumir o estágio rudimentar como sendo o produto final. É melhor descobrir, sentir, na expressão embrionária, a pulsátil vibração de um amor mais profundo que emerge.

Muitos autores têm tentado descrever os diferentes níveis do amor. Maslow, por exemplo, fala do “amor deficitário” e do “amor essência”³. Similarmente, Orage fala de três tipos de amor: amor instintivo, que obedece às leis da biologia; amor emocional, que não só é de curta duração, mas frequentemente “*evoca em seu objeto a reação contrária de indiferença ou mesmo ódio*”; e o amor consciente, que é “*o desejo de que o objeto atinja sua própria perfeição intrínseca, não importando as consequências para o amante*”. O amor consciente aparece de forma primitiva em nosso relacionamento com o reino vegetal, como no cultivo das flores e frutos. Não é necessariamente espontâneo, mas com frequência requer, observa Orage, “*resolução, esforço, escolha autoconsciente*”.⁴

Na perspectiva do presente trabalho, a verdadeira marca do amor consciente é produzir uma *síntese*. Se uma pessoa está imersa numa atmosfera de amor autêntico, os elementos de seu ser espontaneamente ampliam sua coerência. No calor, liberdade e apoio que os tipos mais

³ Abraham H. Maslow, *Toward a Psychology of Being*. Princeton, van Nostrand, 1962, p. 42.

⁴ A.R. Orage, *On Love*. Londres, Janus Press, 1966, p. 8

essenciais de amor inevitavelmente oferecem, nosso ser tende a se reestruturar em padrões mais congruentes e inclusivos.

O amor pode oferecer o ambiente fértil em que nossas melhores sementes psicológicas irão brotar. Pode evocar a coragem para dar um passo à frente e a confiança necessária para mergulhar no novo. O amor pode oferecer o espaço necessário para intuição ocorrer. Pode proteger e fortalecer os mais delicados elementos de nosso ser; nutrir nossa inteligência e nossa criatividade. Pode nos ajudar a dissolver nossos bloqueios, desfazer os nós, abrir o que em nós se encontrava enclausurado. O amor permite redescobrir a nós mesmos, e nos estimula a prosseguir em nossa evolução. Todos estes fenômenos evidenciam o modo pelo qual uma síntese maior ocorre em nosso ser; como somos auxiliados para nos tornar inteiros através do amor; e como, de fato, o amor é o meio que – por excelência – facilita a síntese humana.

Além disso, os benefícios do amor mais consciente são simétricos. Ele não só tem o efeito de despertar e unificar a pessoa amada, como também exerce o mesmo efeito sobre pessoa que ama. Sentimentos e pensamentos tornam-se unificados como em torno de um ímã, e a personalidade inteira torna-se crescentemente focalizada e harmonizada. Teilhard de Chardin falou do amor, a este respeito, como o “*princípio totalizador de energia humana*”. Segundo ele, quando o verdadeiro amor é realizado, aquece e anima nossas ações e coloca as sob uma perspectiva comum: ele “*liga as nebulosas cinzas de nossas experiências a uma lucidez comum*”.⁵

Surge, então, espontaneamente, a questão: pode o amor mais consciente ser aprendido? A resposta é um definitivo “sim”. Tanto as pessoas que expressam o amor em suas formas menos maduras quanto aquelas que parecem carecer inteiramente dele em seu caráter podem aprender a amar, se a tarefa for suficientemente importante para elas.

Como isto é feito? Como qualquer outra atitude ou habilidade, o amor é aprendido se dermos a ele nossa atenção, explorarmos, considerarmos suas várias facetas, fizermos experiências com ele. Para aqueles que sentem seu amor, parcial ou mesmo principalmente, como sendo do tipo não centrado, trata-se uma tarefa relativamente fácil, apesar de não imune a crises. Eles já têm o material básico para trabalhar. Agora precisam, apenas, encorajar sua evolução.

Estas pessoas são frequentemente estimuladas a seguir em frente pelas circunstâncias da vida, tais como as frustrações repetidas e intensas com o amor não centrado, dificuldade de encontrar um par, perda de um ser amado e situações similares de solidão forçada. As pessoas deste tipo experimentam algumas vezes o amor centrado, mas ainda o veem como impessoal, frio e abstrato, enquanto o apelo do amor periférico permanece claro e forte. Elas se sentem desconfortavelmente suspensas entre uma forma de amor e outra, ou muitas vezes oscilando entre ambas. Algumas vezes o amor periférico surge e protege, relegando ao esquecimento suas visões de uma dimensão maior. Outras vezes, ondas de um amor mais amplo as invadem com mais força.

Para aquelas pessoas que experimentam a si mesmas como grandes carentes de amor, o processo é diferente. Para elas o amor é um território desconhecido e frequentemente não percebem sua importância. Também podem olhar para o amor com suspeita e sentirem-se ameaçadas pelas abertura e sensibilidade que ele necessariamente acarreta. Ou podem considerá-lo uma simples perda de tempo ou que não existe. Mas a despeito de suas percepções, o amor está presente em *todas* as pessoas. Todos nós já o experimentamos em algum momento, em algum nível, e ele pode ser cultivado de novo. Considere este exercício:

⁵ Pierre Teilhard de Chardin, *On Love*. New York, Harper & Row, 1973, p. 59.

A Realização do Amor

1. Relembre um tempo em que você foi tocado pelo amor. Não só pense sobre isto mas, em sua imaginação, viva-o novamente, como se estivesse acontecendo **agora**. Vivencie novamente todos os detalhes – cena, sons, emoções, visões interiores, e assim por diante.
2. Aquele evento único passou. Perceba, no entanto, que a **qualidade** do amor que vivificou naquele momento é atemporal.
3. Agora, sustentando-se em seu conhecimento da qualidade daquele amor, bem como em outras vivências de amor que permeiam seu ser, entre em contato – mesmo que por um só momento, mesmo que vagamente no início – com a qualidade do amor em sua mais pura essência. Ou, ao menos, imagine do modo mais completo que puder como é o amor.
4. Deixe, agora, que surja uma imagem que simbolize este tipo de amor para você. Pode ser a imagem de absolutamente qualquer coisa – uma paisagem, uma pessoa, um padrão abstrato etc. Fique com esta imagem e imagine que ela tem uma mensagem sutil, verbal ou não-verbal, relativa a você ou o amor em geral. Então, abra-se para ela.
5. Finalmente, escreva o que você vivenciou.

Este exercício pode nos ensinar a maneira de desenvolver uma maior sintonia com a qualidade de amor consciente, à proporção que nos for gradativamente revelado por nosso supraconsciente. Algumas palavras de cautela que poderiam ser reiteradas em todo o nosso trabalho: evite reações negativas tais como esforçar-se demais e apressar-se demais para tomar de assalto os níveis superiores. Isto não é prudente e nem amoroso em relação ao nosso organismo, tal como ele é na verdade. O amor, como qualquer qualidade, desenvolve-se em nós e estamos procurando cooperar com sua evolução. Tentar empurrar a nós mesmos com base numa atitude condenatória quanto ao fato de nos encontrarmos em tal ou qual ponto de desenvolvimento pode apenas resultar, mais cedo ou mais tarde, na evocação do oposto daquilo que estamos tentando atingir. Buscar a harmonia como um processo natural de síntese – harmonia que respeite nosso ritmo e estilo de vida – constitui a atitude mais produtiva.

Por outro lado, o amor pode estar intensamente presente em nós, sem *circular*. Pode estar simplesmente dentro de nós, sem uso. Tal situação está cheia de potencialidades, mas se não lidarmos adequadamente com ela, poderá levar à estagnação. Assagioli coloca claramente:

*Do mesmo modo com que uma cortina de poucos milímetros de espessura consegue bloquear a mais intensa luz solar, que viajou milhões de quilômetros; do mesmo modo com que um pedaço de porcelana isola uma corrente elétrica forte o suficiente para ativar centenas de motores; da mesma maneira com que a falta de alguns graus de calor mantém inerte um poder que poderia explodir uma montanha; assim também um pequeno “isolante psíquico”, uma falta de calor, de simpatia e amor, conseguem bloquear a expressão de imensos tesouros de sentimento e inteligência.*⁶

Qualquer discussão sobre o amor é incompleta se não der atenção ao *serviço*. O *serviço* é amor em ação, em circulação, deliberada e criativamente aplicado. Amamos ou servimos a outras pessoas evocando seus recursos, compreendendo, clareando sua visão, curando uma chaga emocional, educando, e de inúmeras maneiras, em todos os níveis – do físico ao espiritual.

⁶ Roberto Assagioli, “Gli animali pensanti e calcolatori”, in *Vita*, 4, 2, p. 5.

Como em todas as coisas, no entanto, o serviço tem muitas caricaturas. Muitos entusiastas bem-intencionados produzem resultados tóxicos e algumas vezes catastróficos. Tentam servir meramente através da expressão de sua própria exuberante boa vontade, sem levar em consideração as reais necessidades dos outros e sem a percepção da confusão que com frequência criam. Para ter uma ideia do que estou querendo dizer, lembre-se daqueles momentos em que algumas pessoas tentaram ajudar, melhorar, converter, elevar, aconselhar, ou “salvar” você – e só meteram os pés pelas mãos. Por outro lado, provavelmente poderá recordar um momento em que uma pessoa verdadeiramente o nutriu. Onde reside a diferença entre o genuíno e o pseudo-serviço?

A necessidade de autoexpressão, o desejo de agradar e ser popular, a busca de benefícios em troca, a autocondescendência e a ambição, fazem a diferença. E o remédio neste caso é o discernimento – simplesmente olhar para nossos motivos e ver se a principal força propulsora de nosso serviço é o genuíno amor.

Paradoxalmente, o verdadeiro serviço é uma poderosa ferramenta para a implementação de *nosso* próprio crescimento. As pessoas relatam uma imensa variedade de benefícios: entre outros, aumento de eficiência, expansão da consciência, evocação de sentimentos positivos, melhor funcionamento mental, estimulação da criatividade, aumento da autoconfiança e interesse pela vida, contato com energias superiores, evocação de um alegre sentido de interdependência com os outros. Toda esta área constitui, por si só, uma verdadeira mina de descobertas para qualquer um interessado no desenvolvimento humano.

Pode-se objetar que o serviço prestado com a motivação de benefício próprio não é um verdadeiro serviço, mas uma atividade subordinada ao nosso interesse egoísta, como qualquer outra, tal como jogar na bolsa de valores ou tomar sorvete. Isso é indubitavelmente uma verdade. Entretanto, é igualmente verdadeiro que à proporção que as pessoas mergulham no serviço, as exigências do serviço específico e o inevitável envolvimento na ação em geral superam os motivos egoísticos e levam ao desprendimento e expansão. Citarei aqui apenas o exemplo de uma mulher:

Após a morte de meu marido, senti-me solitária e abandonada. Eu só trabalhava, ganhava dinheiro e era tudo. Eu me sentia como um zero.

Então pensei: o que posso oferecer a mim mesma? Telefonei para o Instituto dos Cegos, perguntando se meus olhos poderiam servir para algo. Dois dias depois eles retornaram a ligação, convidando-me para ditar livros que seriam escritos em Braille. Eram livros escolares. Queriam que as crianças cegas fossem incluídas nos programas escolares como as outras crianças, por isso precisavam de alguém que enxergasse para ditar.

O primeiro impacto foi um choque. Duas crianças vieram buscar os papéis. Eram gêmeos e ambos, cegos. Eles não tinham nascido cegos: ficaram cegos por terem permanecido após o nascimento numa incubadora com a temperatura errada, e isto queimou seus olhos. Um garoto era moreno e o outro, loiro. Muito, muito belos. Eu esperava que eles não voltassem mais. Era demais. O que me chocou nestes garotos foi seu bom humor e alegria. Todas as pessoas cegas lá eram alegres e animadas.

Senti-me como uma rainha por ter olhos. Percebi que eu tinha sorte a despeito de tudo que acontecera para mim. Foi bom para mim encontrá-los. Eles tinham até aula de escultura, trabalhando com argila. Certa vez, eu os vi fazendo vasos com rostos. O professor dizia, agora toque seu queixo, agora toque seu nariz. No dia seguinte, vi a mais linda série de vasos, um melhor que o outro, com uma face diferente em cada um. Pensei, o que nós, pessoas que possuem olhos, poderíamos conseguir se estas pessoas podem fazer tudo isto sem olhos?

Durante os primeiros dias permaneci chocada. Fechava meus olhos por algum tempo e imaginava como era ser cega. Então, comecei a sentir-me rica. Se você fizer alguma coisa sabendo, desde o começo, que não ganhará pelo serviço, você se sentirá extraordinariamente rica. Não creio que eu faça muito por eles e, contudo, o que eu faço é bom para mim em todo o meu ser.

Deste modo, as pessoas descobrem que, quando prestam serviço, cessam de agarrar e tornam-se capazes de receber. Cessam de estar apenas auto interessadas e, portanto, participam facilmente do natural dar e receber que ocorre em volta delas. Uma antiga história ilustra bem este fato:

Um homem recebeu permissão para visitar o Céu e o Inferno enquanto ainda estava vivo. Primeiro ele foi para o Inferno e lá viu uma enorme multidão de pessoas sentadas em torno de longas mesas servidas de ricos e abundantes alimentos. No entanto estas pessoas estavam esfomeadas e choravam. O visitante logo viu a razão: suas colheres e garfos eram mais longos que seus braços, de modo que elas não conseguiam trazer a comida até suas bocas. Em seguida, o homem foi ao Céu, onde viu a mesma cena: longas mesas ricamente abastecidas com alimentos de todos os tipos. Aqui também as pessoas tinham colheres e garfos mais longos que seus próprios braços e da mesma maneira não podiam alimentar a si mesmas. Todavia, estavam alegres e bem alimentadas. A explicação era simples: não estavam tentando alimentar a si próprias; alimentavam-se umas às outras.